

Diversão & Arte

O mundo de Roger Waters

Considerado um gênio do rock progressivo, principal estrela do Pink Floyd completa 70 anos de idade e continua atualíssimo

» TOMAZ DE ALVARENGA
ESPECIAL PARA O CORREIO

George Roger Waters nasceu dia 6 de setembro de 1943 em Great Bookham, no sudeste da Inglaterra. Ninguém, neste pequeno vilarejo, imaginaria que aquele menino logo se tornaria ilustre, um dos grandes nomes da história da música. "Ele definiu o rock progressivo, influenciou outras bandas como o próprio Yes, o Marillion, o Genesis. Mas foi além, seu ativismo político e discos conceituais no Pink Floyd são uma eterna inspiração para qualquer músico", relata Beto Peres, que é guitarrista da banda brasileira cover Road 69 (e apresenta as músicas do grupo há 16 anos).



Na fase inicial do grupo, todos ficaram um pouco à sombra de Syd Barrett, que criava as músicas, cantava e tocava guitarra no período que foi compreendido como o mais psicodélico do Pink Floyd. Com a saída do líder em 1968, Roger Waters tomou as rédeas naturalmente, escrevendo as próprias canções nas páginas da história, composta de capítulos marcantes, começando por *The dark side of the moon* (1973). Daí em diante, trilhou o caminho do êxito mundial.

"O Pink Floyd se tornou não só a banda mais popular do rock progressivo, mas um gigante conhecido entre todos os tipos de público, atingindo audiência imensurável, quebrando recordes de vendas de discos, migrando para o cinema com relativo sucesso e marcando sua influência de maneira profunda na cultura pop", afirma Maurício Angelo, jornalista e crítico musical.

O sucesso de crítica e público foi e ainda é assustador. *The dark side of the moon* ficou 741 semanas seguidas no top 200 da *Billboard* (entre 1973 e 1988), com cerca de 50 milhões de cópias vendidas pelo mundo. Até hoje seus números impressionam. De acordo com estimativas da Nielsen, o trabalho ainda vende cerca de 8 a 9 mil cópias por semana em todo o planeta, representando mais de 350 mil discos anuais.

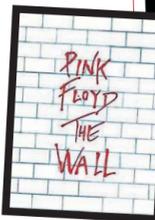
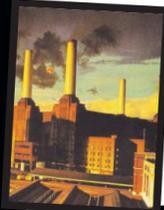
Este trabalho foi o primeiro com "a cara" de Waters, que idealizou o projeto e escreveu a maioria das músicas. O exemplo de um "álbum conceitual"



deu tão certo que o Pink Floyd repetiu a ideia em *Wish you were here* (1975), *Animals* (1977) e *The wall* (1979).

Mas o processo não foi nada fácil, os atritos entre Waters e os demais integrantes (David Gilmour, Richard Wright e Nick Mason) eram cada vez mais intensos. O ápice da tensão eclodiu em *The final cut* (1983), que pode ser considerado o primeiro registro solo de Waters, mesmo que ainda com a alcinha do Pink Floyd. Não é à toa que foi o último trabalho do baixista no grupo.

Após a saída do músico, a banda lançou dois álbuns: *A momentary lapse of reason* (1987) e *The division bell* (1994). No primeiro, o grupo se esforça para provar que pode prosseguir sem o baixista. Já o trabalho posterior é mais maduro e consistente, com David Gilmour tomando à frente nas composições.



Fotos: EMI/Digitalglobe

350 mil Cópias de *The dark side of the moon* ainda são vendidas todo ano

US\$ 131 milhões

Valor arrecadado por Waters apenas em 2012 com a turnê *The wall live*

Entre a megalomania e a genialidade

Roger Waters não fugiu à regra e lançou discos conceituais fora do Pink Floyd. De acordo com o crítico Maurício Angelo, "os trabalhos solos de Waters sofrem de todos os seus defeitos que eram amenizados no Pink Floyd: a megalomania, o 'nababesco', a limitação melódica, a repetição de temas e o desenvolvimento precário de estruturas. Pesa muito não ter outros três (ou quatro) gênios não ter outros três (ou quatro) gênios tanto para colaborar com ele, quanto para impedir que suas ideias tomem conta de todas as canções", relata.

The pros and cons of hitch hiking (1984) é sobre os prós e contras da monogamia. *Radio K.A.O.S.* (1987) é baseado em Billy, um homem mudo e angustiado com o mundo que vive, que simula um ataque nuclear de uma forma pouco convencional. Já *Amused to death* (1992) foi direcionado para a Guerra do Golfo, criticando como um conflito pode se tornar um espetáculo midiático. Além disso, compôs duas trilhas sonoras, para o documentário *The body* (1970) e para o filme *When the wind blows* (1986), além de um álbum de música clássica *Ça ira* (2005).

» MEMÓRIA

Shows no Brasil

"O Pink Floyd é o pai dos grandes espetáculos de rock, do uso massivo e inteligente de iluminação, efeitos e artimanhas no palco — desde os primórdios da banda, isso foi algo a que eles se dedicaram, utilizando truques rudimentares e sempre pensando como envolver a audiência em 'técnicas' e formatos que eram totalmente incomuns na época", afirma o crítico musical Maurício Angelo.

E Roger Waters carregou isso nas décadas seguintes, em suas apresentações sempre majestosas. Ele veio ao Brasil pela primeira vez em 2002, na turnê *In the flesh?*, fazendo quatro shows. Regressou cinco anos depois, com a tour do álbum *The dark side of the moon e*, em 2012, encantou os fãs com o espetáculo *The wall live*, representando o álbum homônimo.

O compositor escreveu a ópera *Çaira*, baseada na Revolução Francesa, apresentando-a no Brasil em duas ocasiões (2008, em Manaus, e neste ano em São Paulo).

» Juntos pela última vez

Após 24 anos, Roger Waters, David Gilmour, Nick Mason e Richard Wright se apresentaram juntos no palco do evento beneficente *Live 8*, em 2 de julho de 2005, em Londres, para chamar a atenção de líderes mundiais em relação às dívidas dos países subdesenvolvidos e à pobreza no planeta. Durante pouco mais de 20 minutos, tocaram as músicas *Speak to me*, *Breathe/Breathe (reprise)*, *Money*, *Wish you were here* e *Comfortably numb*. O show no Hyde Park, na Inglaterra, foi a última vez que todos os membros do Pink Floyd (após a morte de Syd Barrett) estiveram juntos no palco.

www.correio braziliense.com.br

Confira a linha do tempo interativa com vídeos de Roger Waters e Pink Floyd

